Ficha de Trabalho Nº 14

1. Não concordamos com a afirmação, pois embora o conceito de inteligência não seja unívoco, há pelo menos três espetos gerais que permitem qualificar o conceito: a inteligência é a capacidade para resolver problemas, fazer uso do pensamento abstrato e uma capacidade para aprender rapidamente e de forma versátil. A inteligência é a capacidade dinâmica que os seres humanos possuem para se adaptarem com eficácia e rapidez às novas circunstâncias do meio em que vivem, respondendo-lhes com soluções criativas, arriscadas e originais. A inteligência não pode ser vista apenas como uma realidade unitária, mas também como uma faculdade multifacetada em virtude da existência das várias competências ou capacidades que integram a sua composição e se manifestam no comportamento humano; destacam-se na composição da inteligência a capacidade de entender símbolos abstatos, conceitos e representações, a capacidade de aprender novas matérias e de aprender com a experiencia, enfim, a capacidade de nos adaptarmos a novas situações e de resolver, em sentido lato, problemas, que no domínio puramente teórico, quer no plano do quotidiano (social e emocional), quer ainda no plano prático. Saber se a inteligência depende apenas de um fator geral, ou se, pelo contrário, depende de múltiplos fatores é uma questão que tem dividido os psicólogos da área cognitiva. Há psicólogos que defendem e existência de uma única inteligência, que depende de um único fator global, outros defendem e existência de varias aptidões separadas, mas que são multifatoriais, outros ainda defendem que não há uma só inteligência, mas um conjunto de inteligências múltiplas.

2. A inteligência é a capacidade dinâmica que os seres humanos possuem para se adaptarem com eficácia e rapidez às novas circunstâncias do meio em que vivem, respondendo-lhes com soluções criativas, arriscadas e originais. Entre os vários ramos da inteligência encontra-se a inteligência emocional que consiste na compreensão das emoções, das nossas e das outras pessoas, no momento oportuno, e responder-lhes adequadamente revela que as nossas respostas emotivas e sociais são também manifestações de uma base emocional da inteligência humana, as quais influenciam a nossa capacidade de decisão e de emoção. Segundo Daniel Goleman, principal psicólogo no desenvolvimento do paradigma da inteligência emocional, esta é uma capacidade multifacetada de adaptação ao meio e talvez mais importante que o modelo clássico da inteligência (baseada no modelo de raciocínio abstrato e proposicional). Quem é dotado de inteligência emocional tem uma boa perceção dos seus estados emocionais, autocontrolo, um apurado sentido de avaliação das suas capacidades, autoconfiança, flexibilidade na adaptação às mudanças, capacidade de iniciativa e de inovação e gosto por desafios cuja resolução esteja relativamente ao seu alcance.

3. Os principais fatores que potenciam e desenvolvem, ou inibem e bloqueiam o desenvolvimento inteletual são fundamentalmente três: a hereditariedade, o meio social e cultural e as expetativas. O condicionamento da inteligência pela hereditariedade está relacionado com o processo de maturação fisiológica, mais propriamente com o desenvolvimento do sistema nervoso. Deste modo, o normal desenvolvimento do genótipo de um individuo, ou seja, o conjunto de informação genética que ele herda dos pais, contribui para um desenvolvimento positivo da sua inteligência. Os fatores sociais e socioculturais são considerados os mais importantes para o desenvolvimento das capacidades inteletuais. Deste modo, se o ambiente que envolve um determinado indivíduo integrar um ambiente familiar estimulante, um meio social que seja economicamente vantajoso e onde o acesso à informação, à educação e à cultura for acessível, esse indivíduo está rodeado de fatores para um bom desenvolvimento da sua inteligência. Caso se verifique o contrário, o indivíduo terá bastantes dificuldades no desenvolvimento das suas capacidades inteletuais. As expetativas estão relacionadas com o que os outros esperam de uma pessoa e podem ser positivas ou negativas. Se as expetativas forem positivas, serviram para essa pessoa como um incentivo, uma motivação, o que vai aumentar a sua autoestima e consequentemente estimular o desenvolvimento das suas capacidades inteletuais. Se as expetativas forem negativas, podem afetar a confiança da pessoa em causa acerca das suas reais capacidades, baixando a sua autoestima e levando-o a fazer uma imagem negativa de si própria, ou seja, bloqueiam o desenvolvimento da sua inteligência. No entanto, nem sempre o referido atrás acontece, porque há pessoas que conseguem dar resposta ao “efeito de Pigmalião”, através da sua elevada autoestima e confiança nas suas reais capacidades, o que os leva a conseguir contornar essas expetativas negativas e, muitas vezes, conseguir fazer melhor do que aquilo que os outros esperavam.

4. O quociente de inteligência, QI, é um índice calculado a partir da pontuação obtido em testes nos quais especialistas incluem as habilidades que julgam compreender as habilidades conhecidas pelo termo inteligência. É uma quantidade multidimensional, uma amálgama de diferentes tipos de habilidades, sendo que a proporção de cada uma delas muda de acordo com o teste aplicado: é a escala e a tipologia de testes que definem a medida da inteligência. A dimensionalidade das pontuações de QI pode ser estudada pela análise fatorial, que revela um fator dominante único no qual se baseiam as pontuações em todos os possíveis testes de QI. Esse fator, que é uma construção hipotética, é chamado “g” ou, algumas vezes, chamado de habilidade cognitiva geral ou inteligência geral. Por exemplo, podemos utilizar estes tipos de teste para determinar o desenvolvimento de uma criança com uma certa idade, classificando-o como um desenvolvimento normal, superior ou inferior à sua idade. Em suma, QI é uma medida obtida por meio de testes desenvolvidos para avaliar as capacidades cognitivas (inteligência) de um sujeito, em comparação ao seu grupo etário. A medida do QI é normalizada para que o seu valor médio seja de 100 e que tenha um determinado desviopadrão, como 15. A fórmula do QI é QI = (Idade Mental) / (Idade Cronológica) x100. Sendo as classificações distribuídas da seguinte forma:

QI acima de 130: Sobredotação

120 – 129: Inteligência superior

110 – 119: Inteligência acima da média

90 – 109: Inteligência média

80 – 89: Embotamento ligeiro

66 – 79: Limítrofe

51 -. 65: Debilidade ligeira

36 – 50: Debilidade moderada

20 – 35: Debilidade severa

QI abaixo de 20: Debilidade profunda

5. O uso de testes de inteligência por parte dos psicólogos tem sido objecto de controvérsia. De um ponto de vista crítico, os testes apresentam dificuldades na sua aplicação, são demasiado estáticos no sentido em que privilegiam os resultados e não o processo dinâmico que conduz os sujeitos a responder, ou seja, os testes mostram, mas ao mesmo tempo ocultam. Por outro lado, a vulgarização dos testes mal elaborados em jornais, revistas e noticiários de televisão, têm contribuído para o seu descrédito e cepticismo junto da opinião pública. Uma outra crítica relativamente à aplicação dos testes está ligada à sua isenção social, política e cultural, pois os testes de inteligência estão padronizados para a classe média de raça branca, e quando estes testes são aplicados a pessoas de grupos culturais com diferentes valores, costumes e educação, os resultados alcançados por estes grupos ficam abaixo da média padronizada, o que é compreensível dada a prévia situação de desvantagem. A aplicação dos testes em contexto artificial, o “stress” ou nervosismo que a sua realização causa nas pessoas, o facto de o teste medir somente uma situação específica, um aspeto parcelar da inteligência, reduz em grande parte o seu alcance na investigação psicológica.

6. O pensamento é aquilo que é trazido à existência da atividade intelectual. Por esse motivo, pode-se dizer que o pensamento é um produto da mente, que pode surgir mediante atividades racionais do intelecto ou por abstrações da imaginação. O pensamento é uma categoria geral que envolve diversos tipos de raciocínio ou de estratégias mentais de resolução de problemas, por exemplo, o raciocínio de tipo dedutivo, dedutivo, analógico, ou o raciocínio criativo, designado geralmente por «abdutivo». Há ainda que ter em consideração processos de pensamento que operam a um nível não consciente, como ocorre com a chamada «intuição» ou, de acordo com o termo inglês, «insight».

7. O pensamento convergente e o pensamento divergente são conceitos formulados pelo psicólogo Guilford e referem-se ao modo de operar a inteligência perante situações de resolução de problemas. O pensamento convergente significa que uma pessoa, perante um problema, explora uma resposta ou solução única, ou seja, a resposta que parece mais lógica, que está de acordo com a rigidez das normas, como um esquema mental fixo. É um pensamento dominado pela lógica e pela objetividade, pela racionalidade e paixão pelo rigor, do conformismo, havendo para um único problema, uma única solução. O pensamento divergente é um tipo de pensamento sinónimo de criatividade, intuição e originalidade: perante um problema, uma pessoa tende a explorar diversas hipóteses ou soluções usando a imaginação – é um pensamento criador, mais flexível e versátil, inovador; procura, por aproximações sucessivas, experimentalmente, ensaiar várias tentativas de solução, diversas opções, para resolver um problema. Este tipo de pensamento adota a norma: “um problema, várias soluções possíveis”. Podemos assim concluir que a afirmação “O pensamento divergente é mais importante que o pensamento convergente” não é verdadeira, pois estes dois modos de pensamento não são radicalmente opostos, antes pelo contrário, são complementares, pois interagem entre si na resolução de problemas, não assumindo um maior importância que o outro. Embora existam pessoas que sejam tendencialmente convergentes, isto não significa que não possuam um pensamento divergente, ou que sejam rotuladas como inferiores de um ponto de vista das suas capacidades mentais.

8. O pensamento criativo, ou criatividade, possui três principais características essenciais para o seu normal funcionamento: a fluidez, a flexibilidade e a originalidade. A fluidez é a facilidade de expressão e a mobilidade de ideias, a articulação entre diversas ideias ou conceitos diferentes e o uso de muitos sinónimos que traduzem a grande mobilidade do pensamento criador. A flexibilidade refere-se à capacidade que uma pessoa tem para poder mudar rapidamente de estratégias e resolver um problema, mudando o seu ponto de vista perante o risco de vir a cometer erros e continuar, persistentemente, em busca de novas soluções; é a versatilidade própria da dinâmica do pensamento criador. A originalidade é a produção de algo novo ou inédito que se traduz na descoberta de novas, múltiplas e diversas soluções, formas e expressões. O processo do pensamento criativo divide-se essencialmente em quatro fases: a preparação, a incubação, a iluminação e a verificação. A preparação é assim considerada o processo que antecede o que se vai realizar, ou seja, para realizar algo bem é necessário ter ou possuir características básicas/ essenciais para o normal funcionamento daquilo que se vai realizar. Temos o exemplo de vários génios que ficaram na história, entre eles Miguel Ângelo, que nem mesmo ele prescindiu de um período preparatório, pois as suas obras resultaram de um intenso esforço no que diz respeito a estudo e a trabalho. A incubação é uma fase que não se caracteriza pela preocupação consciente do investigador ou criador em encontrar a solução do caso, mas sim pela canalização do seu tempo e trabalho para outras actividades, sendo assim denominada por uma fase de latência. A iluminação consiste propriamente na descoberta do resultado, sendo que esta surge normalmente e de forma súbita, ou seja, por insight, o que leva, normalmente, as pessoas à denominada reação “Ah!”. A verificação é o processo final e que todas as pessoas experimentam, na qual se testa a solução e se apresenta como uma intuição de extraordinária clareza, pois nem sempre as soluções são corretas, pelo que têm de ser submetidas a controlo para apurar a sua validade, sendo que, normalmente, quando é uma questão prática testa-se a sua eficácia, mas quando o problema é teórico recorre-se a um processo lógico que garante o rigor da solução.

9. A afirmação é verdadeira, pois a imaginação é a capacidade de gerar coisas novas, mundos repletos de significados originais, estabelecendo uma distinção clássica no que diz respeito à função da imaginação. Deste modo, esta é entendida como capacidade mental reprodutora ou como capacidade criadora. A primeira refere-se ao poder mental para evocar imagens provenientes de perceções anteriores e de proceder à sua reestruturação, conferindo-lhes uma forma original de modo a produzir novos padrões, afastados dos dados sensoriais. Quer dizer que, tendo como ponto de partida as imagens percetivas, a imaginação reprodutora é capaz de recombinações inéditas, de modo a que o resultado seja uma estrutura nova, a qual pouco tem a ver com o que se percecionou. A imaginação criadora é a capacidade mental que consiste em lidar e estabelecer combinações de elementos que nunca foram percecionados. Neste sentido, imaginação é sinónimo de fantasia, ficção, capacidade de colocar algo completamente afastado da perceção e da realidade vulgar quotidiana por nós experienciada.

10. O cérebro é a base fisiológica da mente, mas o seu conhecimento especializado não é suficiente para esclarecer os processos que nela ocorrem. Porem, a mente era perspetivada como uma série de componentes cognitivos ou intelectuais, independentes uns dos outros. Tinha-se uma conceção muito restrita da mente, associando-a a funções meramente cognitivas, nada tendo a ver com o corpo, com a sensibilidade e com as emoções. As conclusões dos estudos feitos pelos neurocientistas atestam que a mente é um sistema de interações organizadas de modo complexo. Estas conclusões conduzem também a um conceito mais alargado de mente, agregando processos intelectuais, emocionais-afetivos e conativos. A dimensão da cognição social também faz parte da mente, um aspeto muito significativo na adaptação dos seres humanos, pois as sociedades humanas são compostas por sistemas simbólicos muito complexos. A cognição refere-se aos processos mentais ligados ao pensamento, ou seja, à compreensão, ao processamento e à comunicação do saber. A emoção refere-se a aspetos afectivos, agradáveis ou desagradáveis, que acompanham as nossas vivências. A conação refere-se à dinamização para a ação, isto é, aos fatores motivacionais ou internacionais da pessoa. As mudanças que ocorrem devido à maturação neurofisiológica, ao cansaço, a acidentes, a doenças, ao álcool ou às drogas não se inscrevem na aprendizagem. Assim, designa-se por aprendizagem o conjunto de alterações processadas pela experiência, pelo treino ou pelo estudo, que incidem no comportamento ou no conhecimento. Bandura referiu também que a aprendizagem social faz-se com base na observação e na imitação de outras pessoas. O suporte da aprendizagem é a memória que consiste no processo de recordar conteúdos previamente apreendidos e armazenados para futuras utilizações. Muito do que se aprende, esquece-se: passa por alterações deturpadoras ou desaparece com o tempo. a deturpação do traço mnésico pode relacionar-se com falhas na codificação, no armazenamento e na recuperação. Entre outros fatores de esquecimento encontramos as aprendizagens (novas e antigas), capazes de interferir nos conteúdos mnésicos, de forma neutro ou proativa. Por outro lado, Sigmund Freud, fundador da teoria psicanalítica, encarou a mente de um modo não convencional, enfatizando os processos inconscientes: explicou o esquecimento com razões inconscientes, defendendo que apenas esquecemos o que nos interessa esquecer. As lembranças penosas são recalcadas, para não surgirem na zona clara da memória, onde podem determinar sentimentos incomodativos. A afetividade faz parte da essência do ser humano, naturalmente predisposto para criar relações vinculativas mais ou menos fortes com as pessoas e com tudo o que o rodeia. Designam-se por afetos as predisposições inatas do ser humano para reagir de modo agradável ou desagradável nas relações vinculativas que estabelece. Emoções são reações agradáveis ou desagradáveis do organismo, geralmente de curta duração e grande intensidade, relativamente a um acontecimento inesperado, que interferem na relação que o sujeito estabelece com a realidade. António Damásio é um dos investigadores que salienta o papel das emoções no bom funcionamento da mente, bem como das decisões que tomamos ao longo da vida. A concretização de tais decisões deve-se ao marcador somático, uma espécie de alarme que cria automaticamente em nós uma predisposição de apetência ou repulsa por coisas ou situações acerca dos quais não temos elementos para decidir racionalmente. A sobrevivência do ser humano põe em jogo a sua racionalidade, constituída não apenas pelas capacidades cognitivas, mas também pelas emoções, modos básicos de se relacionar com o mundo, em que a orientação lhe é dada pela procura de prazer e pela fuga ao sofrimento. O caso de Phineas Gage e o caso de Elliot, por acidente ou por ação do tumor cerebral sofreram lesões no córtex pré-frontal. Em ambos, as consequências negativas centram-se na incapacidade de tomar decisões acertadas. Phineas Gage perdeu quase toda a capacidade emotiva, pelo que ficou com dificuldade em concentrar-se em qualquer atividade. Elliot diminuiu a sua capacidade emocional ficando com muitos problemas em seguir planos previamente delineados. Ambos apresentam um défice mental e sendo a mente uma unidade funcional de processos integrados estão desprovidos de emoções. Os seus marcadoressomáticos não enviam sinais de agrado ou desagrado para os prevenir dos efeitos das condutas a adotar. Estes exemplos, de Gage e de Elliot, mostram que há laços vitais entre o “coração” e a razão e que as emoções são imprescindíveis nas tomadas de decisão. Em suma, o que está em causa na nossa existência como seres vivos é a sobrevivência. O ser humano soube sobreviver até aos nossos dias, tendo sido o ser que mais evoluiu. A este respeito, o ser humano atingiu um nível em que o raciocínio lhe permite fazer opções e tomar decisões, concretizando, desse modo, o seu sentido de liberdade. Porém, o desenvolvimento na sua racionalidade não lhe fez perder o modo primário de se relacionar com o mundo: orientar-se pela fuga ao sofrimento e pela procura do prazer. Isto significa que a racionalidade humana se apoia biologicamente não apenas no córtex cerebral e no neocórtex, mas também num cérebro mais antigo, o hipotálamo. Os sistemas cerebrais superiores, radicados no córtex, mantém vínculos essenciais com os seus precursores, uns e outros visando o mesmo objetivo – a sobrevivência – uns e outros regidos pelos mesmos parâmetros – a ausência de dor e a procura de bem-estar. A mente humana é um conjunto de processos integrados que constrói significados acerca de nós e do mundo envolvente. A mente humana é muito complexa! É talvez o processo mais complexo de todo o universo vivo dotado de inteligência e a ciência e tecnologia têm procurado entender e replicar a mente humana, sem conseguir ainda captar os aspetos inerentes ao seu funcionamento. O futuro da mente humana é ainda uma incógnita, é uma realidade dinâmica em desenvolvimento e que escapa às melhores explicações científicas da atualidade. A psicologia, em articulação com outras ciências, e como ciência interdisciplinar que é, procura dar o seu contributo para descobrir o maior de todos os mistérios: a mente humana.

12ºB

Daniel Sebastião Nº2

Diogo Palma Nº3

Gonçalo Paulos Nº 4

Luís Diogo Nº5

Miguel Baltazar Nº 8